

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

**ALLYNE SANT'ANNA DE AZEVEDO SILVA
ALEXÂNIA DA SILVEIRA**

**AS ANATOMISTAS: MULHERES NOTÁVEIS NA HISTÓRIA DA MEDICINA E
ANATOMIA DA ANTIGUIDADE À IDADE MÉDIA**

ALFENAS/MG

2026

**ALLYNE SANT'ANNA DE AZEVEDO SILVA
ALEXÂNIA DA SILVEIRA**

**AS ANATOMISTAS: MULHERES NOTÁVEIS NA HISTÓRIA DA MEDICINA E
ANATOMIA DA ANTIGUIDADE À IDADE MÉDIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como parte dos requisitos para obtenção do título
de Bacharel em Medicina pela Universidade
Federal de Alfenas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Evelise Aline Soares

ALFENAS/MG

2026

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central

Silva, Allyne Sant'Anna De Azevedo.

As Anatomistas: : Mulheres notáveis na história da medicina e anatomia da antiguidade à idade média / Allyne Sant'Anna De Azevedo Silva, Alexânia Silveira. - Alfenas, MG, 2026.

30 f. : il. -

Orientador(a): Evelise Aline Soares.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina) -
Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2026.

Bibliografia.

1. Anatomia. 2. História da medicina. 3. Representatividade feminina. 4. Mulheres na ciência. I. Silveira, Alexânia. II. Soares, Evelise Aline, orient. III. Título.

Ficha gerada automaticamente com dados fornecidos pelo autor.

**ALLYNE SANT'ANNA DE AZEVEDO SILVA
ALEXÂNIA DA SILVEIRA**

**AS ANATOMISTAS: MULHERES NOTÁVEIS NA HISTÓRIA DA MEDICINA E
ANATOMIA DA ANTIGUIDADE À IDADE MÉDIA**

O(A) Presidente da banca examinadora abaixo assina a aprovação do(a) Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Medicina pela Universidade Federal de Alfenas.

Aprovada em: 25 de maio de 2026

Prof.^a Dr.^a. Evelise Aline Soares

Assinatura:

Universidade Federal de Alfenas

Prof.^a Dr.^a. Anelena Moretto Salomão

Universidade Federal de Alfenas

Prof. Me. Thiago Donizeth da Silva

Universidade Federal de Alfenas

Agradecemos, primeiramente, a Deus, por conduzir nossas mentes com sabedoria e resiliência ao longo desta trajetória. Aos nossos pais, pelo apoio e suporte incondicional, incentivando constantemente e sendo compreensivos em nossos momentos de ausência em reuniões familiares. Aos nossos irmãos, pelo carinho e companheirismo compartilhados conosco, e aos sobrinhos encantadores, que foram fonte de estímulo ao longo dessa jornada. À nossa orientadora, Prof^a Dr^a Evelise Aline Soares, pela confiança, orientação e incentivo durante todo o desenvolvimento deste trabalho. Aos amigos que se fizeram presentes de alguma forma nesta caminhada, deixamos nossa gratidão.

“A história das mulheres tem sido, por muito tempo, uma história de silêncios.”

Michelle Perrot - As Mulheres ou os Silêncios da História, 2005

RESUMO

Este artigo apresenta uma revisão histórico-crítica sobre a atuação e as contribuições das mulheres na história da medicina e da anatomia, com recorte temporal da Antiguidade à Idade Média. A partir de um levantamento bibliográfico, o estudo traça uma linha do tempo que se inicia com as divindades ligadas à prática de curar, como Ísis, Hígia e Panaceia, e avança para figuras históricas documentadas. São analisadas as trajetórias de mulheres que superaram as restrições educacionais de suas épocas, a exemplo de Agnodice, na Grécia Antiga; Trotula de Ruggiero, na Escola de Salerno; e Alessandra Giliani, anatomista pioneira na dissecação e na injeção de vasos sanguíneos. A pesquisa demonstra que, embora frequentemente restrita aos espaços informais ou religiosos, a participação feminina foi contínua e tecnicamente relevante para a estruturação do cuidado em saúde e do ensino anatômico. Ao mesmo tempo, o texto evidencia o processo de apagamento historiográfico que invisibilizou ou transferiu a autoria dos feitos dessas mulheres para figuras masculinas ao longo dos séculos. Conclui-se que o resgate documental dessas pioneiras é essencial não apenas para a compreensão integral da evolução da ciência médico-anatômica, mas também para corrigir lacunas históricas. Dessa forma, o estudo reforça a importância da representatividade feminina na formação médica contemporânea, demonstrando que as mulheres sempre exerceram um papel estrutural na construção do conhecimento científico.

Palavras-chave: anatomia; história da medicina; representatividade feminina; mulheres na ciência;

ABSTRACT

This article presents a historical-critical review of the role and contributions of women in the history of medicine and anatomy, focusing on the period from Antiquity to the Middle Ages. Based on a literature review, the study outlines a timeline that begins with deities associated with healing practices, such as Isis, Hygieia, and Panacea, and progresses to documented historical figures. It analyzes the trajectories of women who overcame the educational restrictions of their times, such as Agnodice in Ancient Greece; Trotula of Ruggiero at the Schola Medica Salernitana; and Alessandra Giliani, a pioneering anatomist in dissection and blood vessel injection techniques. The research demonstrates that, although often restricted to informal or religious spaces, female participation was continuous and technically relevant to the structuring of healthcare and anatomical teaching. Concurrently, the text highlights the process of historiographical erasure that marginalized or attributed the achievements of these women to male figures over the centuries. It is concluded that the documentary recovery of these pioneers is essential not only for a comprehensive understanding of the evolution of medical-anatomical science but also to correct historical gaps. Thus, the study reinforces the importance of female representation in contemporary medical education, demonstrating that women have always played a structural role in the construction of scientific knowledge.

Keywords: anatomy; history of medicine; female representation; women in science.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O frontispício de Anathomia, de Mondino de' Liuzzi	24
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1	ARTIGO: As anatomistas: mulheres notáveis na história da Medicina e Anatomia da antiguidade à idade média	14
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS.....	30
	ANEXOS.....	31

1 INTRODUÇÃO

No período Pré-Histórico, mediante inscrições e artefatos encontrados, pode-se inferir que já existia um certo nível de conhecimento anatômico, todavia, sem maiores registros não é possível atribuir esse conhecimento a um indivíduo em específico. Já nas civilizações antigas, é esclarecido que as mulheres eram muito relacionadas à saúde, e conseqüentemente ao corpo, mediante a imagens sagradas, como a deusa egípcia Isis, a suméria Ishtar, a grega Afrodite e a romana Vênus.

Apesar das mulheres serem tradicional e culturalmente consideradas como seres de cura e cuidado, ao longo da história a atuação delas fora ofuscada pela predominância masculina nos registros de uma maneira geral, assim como nas descobertas e trabalhos anatômicos (Alves, 2023).

É importante considerar que a Anatomia tem estreita relação com a prática e desenvolvimento da Medicina, sendo que na Antiga Mesopotâmia e Antigo Egito as mulheres podiam ser médicas e fazer operações, o que necessita imprescindivelmente de um conhecimento anatômico do corpo humano, e demonstra a participação histórica das mulheres na Anatomia desde essa época.

Na Antiguidade, das diversas obras sobre anatomia conhecidas, destaca-se as escritas de Hipócrates, o qual aceitava que as mulheres estudassem apenas Ginecologia e Obstetrícia. Todavia, é notória a presença feminina nesse momento histórico, haja vista que no juramento de Hipócrates é citado Panacea, deusa da cura, e Higéia, deusa da saúde. Nesse período, pode-se citar Agnódice (300 a.C), a qual segundo histórias teve de disfarçar-se de homem para estudar medicina, trabalhando com Herófilo, considerado o primeiro anatomista da história, que segundo registros de Galeno, realizou as primeiras dissecações públicas de animais e corpos humanos. Além dela, alguns outros nomes femininos são descritos ao longo da Era Clássica como cirurgiãs, classe de indivíduos considerados os primeiros anatomistas, como Aspásia (século IV) que operava com técnicas próprias, descrevendo inúmeras posições fetais e manobras de mudança da posição de fetos com apresentação pélvica feminina, e como Cleópatra Metrodora (200-400 d.C), autora do mais antigo texto médico escrito por uma mulher, que operava cânceres de mama e útero, além de realizar reconstruções de hímen, face e mamas.

Na Idade Média, as mulheres eram tidas como as curadoras da família, atuando empiricamente como herboristas e parteiras, relacionando-se ao desenvolvimento da imagem de bruxas, as quais eram perseguidas pela Inquisição da Igreja Católica. Nesse contexto, com a criação das Universidades e Escolas Médicas, houve institucionalização dos conhecimentos, sendo um deles a Anatomia baseada a princípio na leitura de textos árabes e posteriormente na prática de dissecações, destacando-se a Universidade de Bolonha, onde ocorreu a primeira dissecação pública (Talamoni, 2014). Da mesma forma, a Escola Médica de Salerno (século IX a XII), sobressaiu por abrigar alunas e professoras como Trota de Salerno, a qual desenvolveu as técnicas cirúrgicas de perineorrafia e episiotomia, sendo considerada a primeira urologista da história. Com o passar do tempo e a profissionalização do ensino médico, as mulheres passaram a raramente serem aceitas nesses espaços (Boaventura, 2009). Esse cenário tornou-se ainda mais restritivo com a criação das Corporações de Cirurgiões (guildas) (Perrotta *et al.*, 2008).

Alessandra Giliani (1307-1326) foi a primeira anatomista do mundo ocidental e uma excelente prosector. Durante o período em que estudava medicina na Universidade de Bolonha, Itália, ela foi assistente de um dos “pais da moderna anatomia”, Mondino de Luizzi (1270- 1326), responsável pelo primeiro manual de anatomia (Veneziani, 2009). Mondino de Luizzi foi o primeiro a dissecar cadáveres na Europa medieval, e Alessandra Giliani esteve presente em suas dissecações nas aulas de anatomia. As tentativas mais antigas registradas de preencher os vasos sanguíneos humanos datam do século XIV, e Alessandra Giliani desenvolveu um método vascular de infusões para os vasos sanguíneos até mesmo os de pequeno calibre, tornando-os visíveis em toda sua extensão, preenchendo-os com líquidos coloridos e enrijecendo-os.

Depois de sua precoce morte aos 19 anos, ela foi esquecida por um período até que, 1857, quando o historiador italiano Michele Medici, publicou a história da escola anatômica de Bolonha, a partir das quais as contribuições da Alessandra Giliani eram conhecidas (Kutia *et al.*, 2013).

No Renascimento, na Universidade de Bolonha, Anna Morandi Manzolini (1717-1774) foi a professora de Anatomia, sendo também a primeira professora

universitária mulher da história, em 1756. Anna, que era artista plástica, era casada com Giovanni Manzolini que era o professor de Anatomia na universidade, o qual a ensinou a arte da dissecação e possibilitou que ela fizesse representações anatômicas em peças de cera (Cytrynowicz, 2013). Após o falecimento de Giovanni, Anna o substituiu e logo após foi efetivada mediante tamanha competência, sendo também admitida na Accademia delle Scienze dell'Istituto de Bologna e na Accademia Clementina (de Belas Artes). Adiante, inúmeras mulheres atuaram com a Anatomia, seja no ensino acadêmico ou na prática médica com cirurgias e desenvolvimento de técnicas cirúrgicas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 As Anatomistas: Mulheres notáveis na história da Medicina e Anatomia da Antiguidade à Idade Média.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a ciência esteve majoritariamente sob domínio masculino, independentemente da época considerada (Rossiter, 1993). Isso também se aplica à anatomia humana, reconhecida como uma das ciências mais antigas e precursora dos demais saberes médicos. A História da anatomia está entrelaçada à da medicina, sendo ambas retratadas inicialmente pelo protagonismo de figuras masculinas, que embora tenham contribuído de forma significativa em diversas descobertas, nem sempre foram os únicos (Faustino, 2002).

Na Antiguidade, esse interesse se intensificou e se manifestou em registros anatômicos, papiros e mitologias, que destacam divindades curadoras como Ísis, Atena, Hera, Hígia e Panacea, figuras femininas relevantes na história da medicina.

Apesar da predominância masculina nos registros históricos, muitas mulheres buscaram caminhos alternativos para aprender e ensinar anatomia e medicina, atuando, em geral, fora das instituições formais devido às restrições sociais e educacionais. No Egito Antigo, destacam-se nomes como Peseshet, Merit Ptah e Cleópatra (ginecologista), reconhecidas por seu pioneirismo no cuidado da saúde feminina. Na Grécia, Agnodice rompeu barreiras legais e sociais, tornando-se um símbolo da inserção feminina no ensino médico. No Império Romano, mulheres como as médicas praticavam a medicina com conhecimento anatômico, muitas vezes em pé de igualdade com os homens. Com a queda do Império Romano e o avanço da repressão científica e religiosa na Idade Média, muitas mulheres passaram a atuar no campo dos cuidados médicos por meio de ordens religiosas ou práticas populares. Destacam-se figuras como Santa Fabíola, Hildegarda de Bingen, Santa Catarina de Gênova e Santa Brígida, que, embora sem formação médica formal, foram importantes difusoras de práticas de cuidado.

Na Escola de Salerno, Trótula de Ruggiero tornou-se a primeira mulher a lecionar medicina, sendo reconhecida por seus tratados ginecológicos que influenciaram a prática médica até o século XVI. Esse percurso evidencia que, mesmo diante de inúmeros obstáculos, as mulheres sempre buscaram participar

ativamente da construção do conhecimento médico e anatômico. Suas contribuições, no entanto, foram frequentemente apagadas ou atribuídas a colegas homens. As informações que apresentamos neste texto foram obtidas por meio de uma extensa busca e análise de fontes diversas, visando construir uma linha temporal que relacione essas primeiras médicas e pensadoras à história da anatomia, seja como aprendizes, seja como educadoras.

Considerando que o dia 15 de outubro é o Dia Internacional da Anatomia e o dia 18 de outubro é o Dia do Médico, apresentamos mais um artigo para a revista *O Anatomista*, na seção “Curiosidades sobre Anatomia”. Neste segundo texto, abordamos a representatividade feminina na anatomia, da Antiguidade à Idade Média, explorando a história das possíveis primeiras médicas e anatomistas do mundo.

2 DESENVOLVIMENTO

Desde a Pré-História, a curiosidade humana pela anatomia do corpo esteve presente. Pinturas rupestres registram não apenas cenas do cotidiano, mas também representações explícitas de corpos humanos, destacando aspectos anatômicos com detalhamento simples, porém simbólico (Buco *et. al.*, 2020). Ao longo da história, o interesse pela anatomia intensificou-se, surgindo registros em papiros e obras literárias que serviram como fontes de conhecimento em diferentes civilizações. No entanto, é notória a predominância masculina nas maiores descobertas dentro da Anatomia e da Medicina. Isso talvez se deva ao fato de que, por muito tempo, o papel da mulher esteve restrito ao ambiente doméstico. Ainda assim, mesmo com o acesso limitado à educação formal, muitas mulheres buscaram formas alternativas de aprender e até mesmo de ensinar sobre a saúde e o corpo humano.

A Idade Antiga abrange o período entre a invenção da escrita (por volta de 4000 a.C.) e a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.). Nesse extenso período, as mulheres desempenharam papéis importantes na colheita, no plantio e na preparação de plantas e alimentos, adquirindo assim, conhecimentos “médicos” sobre as propriedades curativas de determinadas espécies vegetais e utilizando desse conhecimento no tratamento de diversas doenças (Fissell, 2008). Além disso, no campo da arte de curar, diversas Deusas cujas histórias foram registradas, contribuíram para o desenvolvimento da medicina e da anatomia

Assim, Ísis, considerada a grande Deusa da medicina, amplamente adorada, tanto que em sua homenagem foram construídos templos magníficos (Santos; Oliveira, 2019). Como Deusa da medicina, suas sacerdotisas exerciam o papel de “médica curandeiras”, acreditando-se em absorver o poder de cura para aplicá-lo em tratamentos (Carvalho *et. al.*, 2021).

Em Heliópolis, por volta de 1500 a.C., surgem registros arqueológicos, como ilustrações em templos e túmulos, que evidenciam a presença de mulheres na escola médica real praticando cirurgias, o que indica a ampla aceitação das “médicas” no Egito antigo (Santos; Oliveira, 2019). Já na Grécia Antiga, diversas Deusas estavam associadas à cura e à medicina. Atena, por exemplo, era venerada por sua capacidade de curar a cegueira e outros males, enquanto Hera era considerada a principal divindade curadora, respeitada por suas habilidades terapêuticas, que foram injustamente atribuídas a Leto, um grande cirurgião da época (Ferreira, 2017). Além dessas, não se pode deixar de mencionar as deusas Hígia (ou Hygeia) e Panaceia, filhas de Asclépio, são figuras centrais na representação da saúde e da cura no panteão gregos.

Hígia, na mitologia grega, era a Deusa associada à saúde, limpeza e higiene, irmã de Panaceia (Deusa da cura) e Yaso (Deusa da convalescença) (Martins; Almeida, 2020). Frequentemente retratada como uma figura jovem e radiante, Hígia simbolizava a saúde e o bem-estar, e seu nome deriva do grego Hygiéia, que significa “saúde” (Santos; Oliveira, 2019). Considerada guardiã dos rituais de purificação e limpeza, ela promovia a boa saúde e a prevenção de doenças, enfatizando a importância da higiene pessoal e dos cuidados corporais para a manutenção do equilíbrio físico (Ferreira, 2019). Panaceia, era a Deusa da cura e da medicina, retratada como possuidora do conhecimento e da habilidade para curar todas as enfermidades (Gomes; Lima, 2019). Seu nome deriva do grego Panakeia, significando “cura universal” ou “remédio para todos” (Gomes; Lima, 2019). Como divindade que simbolizava o alívio e a restauração da saúde, Panaceia permanece até os dias atuais um símbolo amplamente utilizado na medicina, representando a busca constante pela cura e a esperança de aliviar o sofrimento humano por meio do conhecimento médico e tratamentos adequados (Santos, 2022).

A representatividade das mulheres na medicina na Antiguidade pode ser observada, entre outros aspectos, pelas contribuições registradas na obra de Hipócrates (460 a.C.377 a.C.), considerado o pai da Medicina. Um dos mais

célebres médicos da época, Hipócrates foi pioneiro na observação clínica e deixou um legado fundamental para a semiologia médica. Ele também sistematizou os princípios éticos da prática médica em um texto que se transformou no famoso Juramento de Hipócrates. Nesse juramento, há menção a Higia e Panaceia, evidenciando o reconhecimento simbólico de figuras femininas ligadas à saúde e à cura. Tradicionalmente, a obra é recitada por estudantes de medicina em cerimônias de formatura.

Neste contexto, podemos sugerir que a partir da antiguidade as mulheres iniciaram o processo de inserção na medicina, tendo altos e baixos ao longo da história. O percurso das mulheres na profissão médica foi marcado por inúmeros obstáculos e limitações impostos pela sociedade, incluindo a negação sistemática do acesso à educação e às instituições de ensino médico (Carvalho; Mendes, 2017).

Para aprofundar a compreensão sobre o papel das mulheres no ensino da anatomia na Antiguidade, especialmente no contexto egípcio, destacam-se algumas personagens históricas relacionadas à medicina e ao cuidado (Slepicka, 2025). Primeiramente destacamos que Peseshet, considerada a primeira mulher médica do Antigo Egito, recebeu o título de "supervisora das mulheres médicas". Embora não haja consenso absoluto sobre sua atuação direta como médica, acredita-se que tenha se graduado como parteira em uma escola médica localizada na cidade de Saís, conhecida por suas instituições educacionais dedicadas às mulheres. Merit Ptah, que viveu por volta de 2700 a.C. durante a Era do Bronze, também é uma figura importante associada à medicina; seu nome significa "mulher amada por Ptah" e, embora seus escritos não tenham sido extensivamente estudados, seu filho, Sumo Sacerdote de Memphis, a registrou como Médica Chefe em sua tumba próxima à Saqqara, evidenciando seu prestígio e reconhecimento. Por fim, destaca-se Cleópatra, não a famosa rainha egípcia do período romano, mas uma ginecologista e obstetra cujo trabalho sobre a saúde da mulher foi utilizado por cerca de mil anos, demonstrando o papel fundamental que desempenhou na medicina da época (Slepicka, 2016). Há registros que indicam a relação dessas mulheres médicas com o ensino da anatomia, e para se destacar como pioneiras na medicina, certamente tiveram que se dedicar ao estudo anatômico.

Cabe destacar que na Antiguidade, a legislação ateniense proibia as mulheres de estudar e exercer profissões, tornando inviável o acesso feminino à medicina, apesar das contribuições significativas de algumas mulheres à medicina

greco-romana. A história tradicional frequentemente enfatiza o pioneirismo de mulheres que superaram barreiras, e Agnodice exemplifica essa narrativa. Vivendo em Atenas no século III a.C., sua trajetória, permeada por mitos e relatos populares, reflete tanto a resistência feminina quanto as limitações sociais impostas à época (Souza; Pereira, 2025). Nascida em uma família abastada, Agnodice determinou-se a ser médica num tempo em que as mulheres podiam atuar apenas como parteiras (Rossiter, 1993; Ferreira, 2017; Beber, 2019). Para isso, cortou o cabelo, vestiu-se como homem e foi estudar medicina em Alexandria com Herófilo, médico renomado por suas dissecações humanas e descobertas sobre pulsações cardíacas (Sartori, 2006). Ao retornar a Atenas, teve sucesso como médica e tornou-se a preferida das mulheres, o que despertou a inveja dos colegas, que a acusaram de “seduzir” suas pacientes. Para provar sua inocência, revelou ser mulher, sendo então condenada à morte. Entretanto, graças à intervenção de suas pacientes e à pressão popular, o tribunal permitiu que continuasse atuando, mas apenas como parteira (Lacy-Niebla, 2023; Torres Pascual, 2016).

Destaca-se que, antes do século V a.C., os partos eram assistidos informalmente por mulheres da própria família, de modo que Agnodice não estaria infringindo a lei ao atuar nesses contextos. Ela desempenhou essa função com excelência, no entanto, mais uma vez movidos pela inveja, os médicos a acusaram de negligência. Diante das perseguições, Agnodice foi levada a julgamento. Defendida pelas mulheres da cidade, que se manifestaram em protesto, a lei que restringia o estudo da medicina às mulheres foi revogada, abrindo caminho para que outras pudessem se formar na área (Lacy-Niebla, 2023). O julgamento de Agnodice é representado em um medalhão presente na fachada da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris (Beber, 2020).

A literatura grega antiga, na Era Homérica, A Ilíada e A Odisseia, menciona figuras femininas ligadas à medicina, como Agamedea, Polidamna e Helena, evidenciando o papel relevante das mulheres na época (Torres Pascual, 2016). Durante o Império Romano, Alexandria destacou cientistas como Maria, a Hebreia, alquimista do século I a.C., conhecida pela criação do banho-maria e pelo desenvolvimento de pigmentos (Salas, 2025).

Embora tenha sido um período marcado por restrições ao acesso das mulheres à medicina formal, há registros de que seus saberes práticos e experiências foram, em certos contextos, reconhecidos e documentados. Um

exemplo relevante é o de Galeno (129–216 d.C), um dos mais influentes médicos, anatomistas e filósofos da Antiguidade, que, embora tenha escrito pouco diretamente sobre mulheres, reconheceu a importância das práticas femininas, principalmente em obstetrícia e ginecologia. Estudos apontam que ele registrou os saberes de parteiras e curandeiras, valorizando suas contribuições ao cuidado da saúde (Isaw, 2025). Em sua extensa obra, composta por cerca de 22 volumes, destacou as descobertas e intervenções relacionadas à saúde realizadas por mulheres, frequentemente referindo-se aos remédios, tratamentos e prescrições de médicas da época, o que contribuiu para o reconhecimento da atuação feminina nas ciências médicas.

Na Roma Antiga, as médicas eram conhecidas como *medicae* e exerciam a medicina em igualdade com os médicos do sexo masculino. É provável que todas essas mulheres envolvidas com a prática médica na época possuísem conhecimentos anatômicos, uma vez que, conforme já mencionado, a anatomia é precursora dos saberes médicos clínicos e cirúrgicos, estando suas histórias intimamente entrelaçadas. No entanto, durante o declínio do Império Romano (em 476 d.C), as ciências médicas sofreram um retrocesso, possivelmente em decorrência das repressões causadas pelas invasões das tribos bárbaras. Nesse contexto, as mulheres passaram a exercer a medicina em ambientes domésticos ou espaços religiosos, já que o grande número de feridos nos conflitos exigia cuidados intensivos para evitar baixas nos exércitos. Destacam-se, nesse período, mulheres que mais tarde foram canonizadas pela Igreja Católica por suas práticas médicas e por seu trabalho na cura dos enfermos.

A presença das mulheres na medicina pode ser identificada nos tempos antigos, estendendo-se pela Alta (476 d.C. a 1000 d.C.) e Baixa Idade Média (1000 d.C. a 1453 d.C. ou 1492). E na Baixa Idade Média, contudo, que se destaca o surgimento das primeiras grandes pensadoras da história ocidental. Nesse período, algumas mulheres desenvolveram sistemas autônomos de pensamento, produzindo obras profundas e relevantes, que dialogavam em pé de igualdade com as ideias de muitos pensadores homens de sua época. Esse movimento representou uma evolução da presença feminina na filosofia e, ainda que de forma mais discreta, devido à crescente limitação do acesso das mulheres à educação formal, também na medicina.

Cabe destacar que, mesmo em um contexto de exclusão educacional,

surgiram os primeiros hospitais sob a perspectiva cristã. Nesses espaços, os homens eram oficialmente reconhecidos como médicos, enquanto a enfermagem passou a ser uma atividade atribuída e exercida majoritariamente por mulheres. No entanto, ainda não havia muitas conquistas para as mulheres: aquelas que se envolviam com a arte de cuidar e curar frequentemente eram perseguidas, acusadas de bruxaria e, em muitos casos, condenadas.

Podemos citar algumas mulheres religiosas notáveis que, embora sem estudo médico formal, desenvolveram a medicina na arte do cuidar e da caridade. Um exemplo emblemático é Santa Fabíola de Roma (347–399 d.C.), pertencente à nobreza romana, após divorciar-se de um marido abusivo, dedicou sua vida ao cuidado dos enfermos, construindo um hospital em Roma e atendendo pessoalmente os internos. Sua prática médica foi pragmática, focada no atendimento aos necessitados, sendo canonizada pela Igreja Católica por sua dedicação à caridade e ao cuidado dos doentes (Wiseman, 1996; Costa, 2012).

No contexto medieval, destaca-se Hildegarda de Bingen (1098–1179), um exemplo notável da atuação das mulheres na medicina medieval. Monja beneditina, escritora, compositora e visionária, Hildegarda dedicou-se ao estudo da medicina de forma informal, uma vez que o acesso universitário era vedado às mulheres (Costa, 2012). Seus escritos revelam amplo conhecimento da medicina de Hipócrates e Galeno, das práticas médicas árabes e das tradições germânicas e populares. Ela também demonstrava familiaridade com as obras de naturalistas da Antiguidade, como Plínio, o Velho, e Isidoro de Sevilha, além de referências a bestiários, livros de maravilhas e às teorias dos humores corporais, fundamentos da medicina antiga e medieval. A atuação de Hildegarda deve ser compreendida no contexto dos mosteiros medievais, que funcionavam como centros de espiritualidade e cuidado com a saúde, possuindo enfermarias, alojamentos para os nobres, hospitais para pobres e peregrinos, bem como celas para médicos, farmácias, banhos e hortos medicinais, refletindo uma estrutura de atendimento baseada na organização social da época (Costa, 2012).

Hildegarda também se destacou por empregar uma linguagem acessível e, especialmente ao abordar temas relacionados ao corpo feminino. Por utilizar termos diretos para se referir às partes íntimas do corpo, enfrentou críticas e foi até acusada de obscenidade por alguns de seus contemporâneos (Bento XVI, 2012). No entanto, estudiosos sugerem que essa escolha linguística funcionava como um código de

comunicação entre as monjas, especialmente na presença de estranhos (Costa, 2012). Sua contribuição vai além da medicina, pois integrou ciência, espiritualidade e natureza em uma visão holística da saúde e da existência, tornando-se uma das intelectuais mais relevantes da medicina medieval. Reconhecendo seu legado, o Vaticano a proclamou Doutora da Igreja em 7 de outubro de 2012, por meio de carta apostólica do Papa Bento XVI (Bento XVI, 2012). Mesmo sem formação formal, Hildegarda foi a primeira mulher a escrever um tratado médico (*Causae et Curae / Ursachen und Behandlungen der Krankheiten*), no qual reuniu observações sobre o corpo humano, a natureza e práticas terapêuticas, promovendo uma medicina integrada ao pensamento filosófico e religioso de sua época.

Outra religiosa importante na história da medicina são Santa Escolástica (c. 480–c. 547), Santa Brígida da Suécia (1303–1373) e Santa Catarina de Gênova (1447–1510), figuras que dedicadas ao cuidado dos enfermos (Bento XVI, 2012; Jacobson, 2023). Na Europa medieval, a medicina foi moldada pela confluência das tradições grega, árabe, hebraica e latina, processo que culminou, por volta do século IX, na formação da Escola Médica de Salerno. Localizada na antiga região da Lombardia, essa instituição destacou-se por seu caráter inovador, não apenas ao integrar diferentes saberes culturais, mas também por permitir a atuação ativa de mulheres como alunas, médicas, autoras e professoras. Conhecidas como *mulieres Salernitanae* ou Damas da Escola de Salerno, essas mulheres representam um exemplo significativo de ocupação feminina nos espaços de saber. O desenvolvimento da escola foi favorecido por um ambiente econômico próspero e por intensas trocas comerciais e intelectuais, especialmente com o mundo árabe, o que garantiu a circulação e preservação de conhecimentos médicos e filosóficos da Antiguidade (Ibiturana, 2022).

Nesse ambiente de tolerância e produção científica, destacou-se Trótula de Ruggiero, Trota ou Trocta Salernitana (1050-1097), considerada a primeira mulher docente registrada em uma escola de medicina. Filósofa e médica italiana, Trótula dedicou-se especialmente aos campos da ginecologia, obstetrícia, dermatologia e cosmetologia, além de promover uma visão integrada de saúde que incluía alimentação equilibrada, higiene, exercícios físicos e qualidade de vida (Almeida, 2021).

Sua principal contribuição está reunida no compêndio conhecido como Trótula, que inclui o tratado "De Passionibus Mulierum Curandorum Ante, In, Post

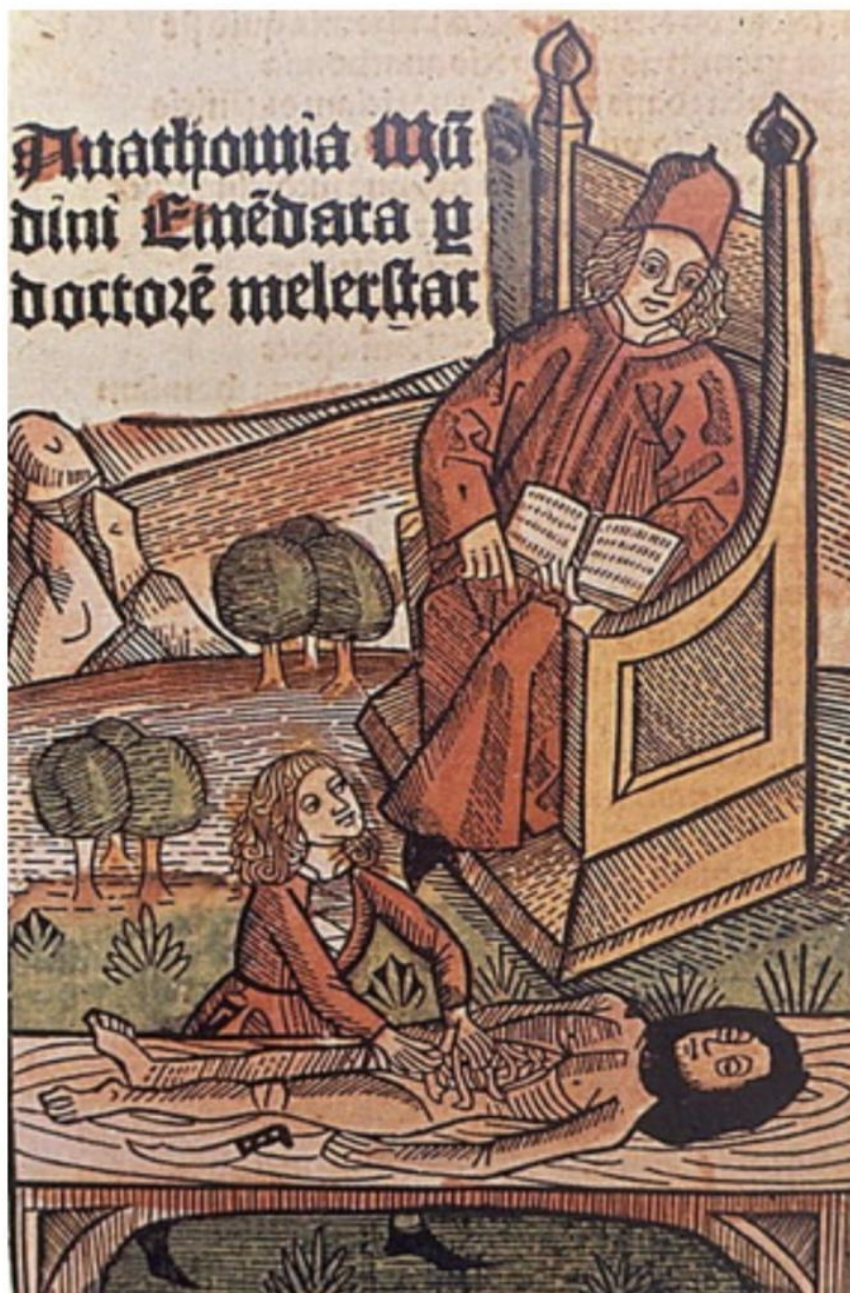
Partum". Dividido em 73 capítulos, esse texto aborda temas como menstruação, concepção, gravidez, parto, puerpério, contracepção, estrutura e doenças do útero e do trato urinário, incluindo infecções sexualmente transmissíveis. Considerado o primeiro tratado sobre medicina feminina, esse material tornou-se amplamente difundido nas universidades europeias e manteve-se como referência até o século XVI (Beal, 2016). Na época, o ensino da anatomia era realizado principalmente por meio da dissecação de porcos, e é provável que esse tenha sido o método pelo qual ela teve acesso ao conhecimento anatômico. Mesmo com base na anatomia comparada, esse tipo de estudo permitiu a elaboração de manuais anatômicos e cirúrgicos de grande valor. A obra de Trótula e das demais médicas da Escola de Salerno exerceu influência significativa sobre importantes nomes da medicina europeia, como Ambroise Paré, no século XVII, que incorporou elementos desses saberes em suas práticas cirúrgicas (Ferraris; Ferraris, 1997).

Por fim, a Escola de Medicina de Salerno teve um papel decisivo na consolidação do ensino médico na Idade Média, sendo pioneira ao adotar uma estrutura laica e inovadora que incluía a participação ativa de mulheres, as mulieres Salernitanae, como alunas, médicas e professoras. Essa abertura à presença feminina no campo do saber contribuiu diretamente para o avanço do conhecimento anatômico e cirúrgico, além de representar um marco na história da medicina ocidental (Ibiturana, 2022). A Escola de Salerno consolidou-se, já no século XI, como o mais importante centro médico europeu, atraindo estudantes de várias regiões e influenciando diretamente a formação das primeiras universidades europeias, como as de Bolonha e Paris (Ibiturana, 2022).

O final do século XI e o século XII viram o estabelecimento de várias universidades por toda a Europa, incluindo a Universidade de Bolonha, uma das mais antigas do mundo. Abrigos urbanos afiliados a mosteiros ou igrejas abrigavam médicos locais que cuidavam dos doentes e feridos. Esses abrigos se tornaram populares e eventualmente evoluíram para os primeiros hospitais estabelecidos. No que se refere ao ensino da anatomia, um decreto imperial feito em 1231 por Frederico II, Imperador do Sacro Império Romano, permitiu que aqueles que estudavam cirurgia e anatomia dissecassem novamente corpos humanos dentro de escolas médicas aprovadas uma vez a cada cinco anos. Este decreto estabeleceu a dissecação como uma necessidade científica, e revolucionou a maneira como os cientistas estudavam a anatomia humana (Ferraris; Ferraris, 1997).

O anatomista medieval Mondino de' Liuzzi (1270–1326) viveu e prosperou em um período em que o "congelamento" do avanço médico e científico começava a se dissipar. Conhecido como o "Restaurador da Anatomia", Mondino de' Liuzzi é considerado o primeiro a realizar uma dissecação, documentá-la e publicar suas descobertas. Seu texto fundamental, *Anathomia* (Anatomia), continha as experiências coletadas dos antigos anatomistas, bem como, o relato em primeira mão, sobre suas próprias experiências com dissecação (Infusino, 1995). Mondino de' Liuzzi conduzia as dissecações cadavéricas sentado em uma cadeira posicionada em um púlpito, acima de seus assistentes. Dessa forma, a prática da dissecação era realizada por seus assistentes e apenas guiada por ele. Curiosamente, é justamente nessa função de assistente que surgem relatos sobre a possível primeira mulher anatomista descrita na história, Alessandra Giliani (Beber, 2020). Sua presença pode ser observada em registros ilustrativos relacionados a Mondino, como na famosa imagem abaixo, onde a presença de uma mulher é claramente evidente.

Figura 1 - O frontispício de *Anathomia*, de Mondino de' Liuzzi



Fonte: O frontispício de *Anathomia*, de Mondino de' Liuzzi (DI MATTEO, 2017).

Considerada como a primeira mulher registrada como anatomista, Alessandra Giliani (1307–1326) era assistente de dissecação na Universidade de Bolonha, ao lado de Mondino de' Luzzi. Ela era italiana, nascida em Persiceto em 1307, e foi admitida na Universidade de Bolonha por volta de 1323, onde provavelmente estudou filosofia, anatomia e medicina sob a tutela de Mondino de' Liuzzi.

Responsável por preparar os cadáveres para as dissecações conduzidas pelo professor, ao longo de sua trajetória, Giliani desenvolveu grande habilidade para a dissecação cadavérica, criou técnicas de drenagem de sangue e implementou angiotécnicas a partir da injeção de corantes e até pinturas de vasos com pincéis, visando facilitar o estudo de vasos sanguíneos pequenos pelos estudantes (Clinical Anatomy Associates, 2025).

Assim, Mondino de' Liuzzi, junto com sua assistente Alessandra Giliani, foram pioneiros na prática da dissecação cadavérica durante a Idade Média, período marcado por um significativo temor em relação a essa atividade, em grande parte devido à bula papal *De Sepulturis*, emitida por Bonifácio VIII entre 1299 e 1300. Essa bula condenava o desmembramento e a fervura de cadáveres para separar os ossos da carne, procedimento conhecido como “*mos Teutonicus*”, e impunha excomunhão aos envolvidos. No entanto, esse documento foi frequentemente interpretado de forma equivocada como uma proibição geral das dissecações médicas, quando, na verdade, sua restrição se dirigia exclusivamente às práticas funerárias usadas durante as cruzadas para facilitar o transporte dos corpos para sepultamento em casa. Dessa forma, a determinação papal não se aplicava às dissecações realizadas em escolas médicas para fins científicos, embora tenha gerado apreensão entre estudiosos e população na época (Beber, 2020; Di Matteo, 2017).

Segundo Razkin, 2025 e o *Pathological Bodies Project*, 2019, Alessandra Giliani teria falecido em 26 de março de 1326, aos 19 anos, vítima de sepse causada por uma ferida infectada, sendo enterrada em frente à *Madonna delle Lettere*, na igreja de San Pietro e Marcellino, em Florença, por Otto Aegenius Lustrulanus, outro assistente de Mondino de' Liuzzi e possivelmente noivo de Alessandra.

Segundo o *Pathological Bodies Project*, 2019, Alessandra Giliani teve uma trajetória marcada pelo pioneirismo na representatividade feminina na anatomia. Apesar da escassez de registros documentais sobre sua vida, sua história despertou o interesse de diversos escritores, como Barbara Quick, que publicou uma obra de ficção inspirada na anatomista, intitulada “*A Golden Web*”.

Os poucos registros sobre a assistente de De' Luzzi reforçam a ideia de que os artigos que abordam a história da anatomia destacam predominantemente os feitos e descobertas de homens, desde a Antiguidade até a modernidade. Isso evidencia que, ainda hoje, conquistar visibilidade e reconhecimento na ciência

continua sendo um desafio para as mulheres. Ao buscarmos personagens femininas na história da anatomia em bases científicas, encontramos poucos trabalhos que abordam sua representatividade (Soares, 2025).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença das mulheres na medicina e anatomia desde a Antiguidade foi marcada por inúmeros desafios, principalmente devido ao acesso restrito ao ensino formal e às limitações impostas pela Igreja. Apesar da escassez de registros e do reconhecimento oficial, muitas mulheres atuaram de forma significativa, ainda que frequentemente de maneira oculta ou em contextos informais, como espaços domésticos e religiosos. Essa invisibilidade reflete uma tradição historiográfica que privilegia a narrativa masculina, deixando de reconhecer importantes contribuições femininas.

Ao resgatar essas histórias, este artigo reforça a necessidade de valorizar e integrar as vozes das mulheres na história da anatomia e da medicina, promovendo justiça histórica e inspirando futuras gerações na ciência. Além disso, ao destacar a atuação dessas pioneiras, amplia-se o horizonte da investigação historiográfica, reconhecendo aquelas que foram silenciadas ao longo dos séculos. O reconhecimento dessa trajetória das mulheres na ciência é fundamental não só para a reparação histórica, mas também para motivar e fortalecer a presença feminina no meio científico atual e futuro.

4 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. V. A médica Trótula de Ruggiero (1050–1097): a primeira com seu legado atingido pela misoginia na história da medicina. *Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE*, v. 1, n. 18, p. 15–30, 2021.
- BEAL, J. Trota of Salerno: women's medicine in medieval Italy. *Midwifery Today International Midwife*, n. 118, p. 46–47, 2016.
- BEBER, G. M. M. *As pioneiras da anatomia humana*. Palestra no Simpósio Online de História da Medicina. Vitória: UFES, 2020.
- BENTO XVI. *Carta apostólica: Santa Hildegarda de Bingen... proclamada Doutora da Igreja universal*. Vaticano, 2012.
- BUCO, C. A. *et al.* O papel das mulheres ancestrais nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara-PI, Brasil. *Revista Memória em Rede*, v. 12, n.

23, p. 1–24, 2020.

CALDERÓN, B. M. del C. *Fabiola de Roma: fundadora del primer hospital de Roma – medicina social*. Real Asociación Española de Cronistas Oficiales, 2025.

CARVALHO, L. M.; MENDES, R. S. A entrada das mulheres na medicina: barreiras e conquistas no século XIX. *Revista Brasileira de História da Medicina*, v. 15, n. 2, p. 78–90, 2017.

CARVALHO, L. S. *et al.* O papel das sacerdotisas na medicina egípcia antiga. *Journal of Ancient Medicine*, v. 5, n. 1, p. 12–25, 2021.

CLINICAL ANATOMY ASSOCIATES. *Alessandra Giliani. Medical Terminology Daily*, 2013. Disponível em: <https://www.clinicalanatomy.com>. Acesso em: 11 fev. 2025.

COSTA, M. R. N. Mulheres intelectuais na Idade Média: Hildegarda de Bingen – entre a medicina, a filosofia e a mística. *Trans/Form/Ação*, v. 35, n. spe, p. 187–208, 2012.

DI MATTEO, B. *et al.* Art in science: Mondino de' Liuzzi: the restorer of anatomy. *Clinical Orthopaedics and Related Research*, v. 475, n. 7, p. 1791–1795, 2017.

DITTMAR, J. M.; MITCHELL, P. D. From cradle to grave via the dissection room: the role of foetal and infant bodies in anatomical education from the late 1700s to early 1900s. *Journal of Anatomy*, v. 229, n. 6, p. 713–722, 2016.

FAUSTINO, A. *et al.* Anatomia e fisiologia: evoluindo de “mãos dadas”. *História da Ciência: Construindo Interfaces*, v. 25, p. 209–220, 2022.

FERRARIS, Z. A.; FERRARIS, V. A. The women of Salerno: contribution to the origins of surgery from medieval Italy. *The Annals of Thoracic Surgery*, v. 64, n. 6, p. 1855–1857, 1997.

FERREIRA, J. P. A importância de Hígia na mitologia grega e sua influência na medicina. *Revista de Estudos Clássicos*, v. 15, n. 1, p. 45–56, 2019.

FERREIRA, T. M. Deusas da cura na mitologia grega: um estudo histórico e simbólico. *Revista de Estudos Clássicos*, v. 14, n. 3, p. 101–115, 2017.

FISSELL, M. Introduction: women, health, and healing in early modern Europe. *Bulletin of the History of Medicine*, v. 82, p. 1–17, 2008.

GOMES, L. M.; LIMA, R. S. Panaceia: a deusa da cura universal e seu legado na medicina moderna. *Journal of Medical History*, v. 7, n. 2, p. 30–44, 2021.

IBITURUNA, A. C. R. *A origem das universidades e a presença feminina em espaços do saber*. 2022. Monografia – Universidade de Brasília, 2022.

INFUSINO, M. H. *et al.* O livro de Mondino e o corpo humano. *Vesalius*, v. 1, p. 71–76, 1995.

ISAW – INSTITUTE FOR THE STUDY OF THE ANCIENT WORLD. *Women healers:*

midwives, physicians, and popular healers. Disponível em: <https://isaw.nyu.edu/publications>. Acesso em: 1 ago. 2025.

JACOBSON, R. *Saint Catherine of Genoa, the Holy Souls, and True Reform*. *Catholic Insight*, 2023.

LACY-NIEBLA, M. C. Agnodice: the first female doctor of Athens. *Hektoen International*, v. 15, n. 1, 2023.

RAZKIN, U. *Alessandra Giliani (1307–1326): entre cadáveres*. *Mujeres con Ciencia*. Disponível em: <https://mujeresconciencia.com>. Acesso em: 16 ago. 2025.

ROSSITER, M. W. The Matthew/Matilda effect in science. *Social Studies of Science*, v. 23, n. 2, p. 325–341, 1993.

SALAS, M. *Mujer y ciencia: pasado, presente y futuro*. Disponível em: https://www.grada.es/wpcontent/uploads/2022/05/20220429_ciencia_junta.pdf. Acesso em: 1 ago. 2025.

SANTOS, A. P.; OLIVEIRA, F. R. A instituição da educação médica feminina e a ascensão das mulheres na medicina. *Journal of Gender Studies in Medicine*, v. 8, n. 1, p. 25–40, 2019.

SARTORI, E. *L'Histoire des grands scientifiques français*. Paris: Plon, 2006.

SILVA, R. F.; MENDES, C. A. Ísis: a deusa da medicina e seus cultos no Egito antigo. *Revista de Mitologia Antiga*, v. 6, n. 2, p. 33–47, 2019.

SOARES, E. A. As anatomistas: mulheres notáveis na história da anatomia do mundo e do Brasil. *Revista O Anatomista*, v. 2, p. 25–31, 2025. DOI: 10.5281/zenodo.16463882.

SOUZA, D. E.; LIMA, F. R. Hígia e Panacea: simbolismo e influência na medicina grega. *Revista de História da Ciência*, v. 12, n. 4, p. 89–102, 2019.

SOUZA, K. B.; PEREIRA, M. B. da S. *Gênero e poder na Antiguidade Clássica*. 2024. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/378858854>. Acesso em: 2 ago. 2025.

SLEPICKA, P. F. *Celebrando 5000 anos de história da mulher na ciência*. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/cienciapelosolhosdelas>. Acesso em: 1 ago. 2025.

TORRES PASCUAL, C. *La figura femenina en la medicina de las civilizaciones antiguas*. In: CONGRESSO VIRTUAL SOBRE HISTÓRIA DE LAS MUJERES, 8., 2016.

WISEMAN, N. *Fabiola: a subversão, a moralização e a virtude*. Belém: UFPA, 1996.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta revisão, foi possível compreender que a presença feminina na história da Medicina e da Anatomia sempre existiu, mesmo que, por muitos séculos, tenha sido pouco reconhecida ou registrada. Desde as civilizações antigas até a Idade Média, inúmeras mulheres participaram ativamente do cuidado em saúde, da construção de conhecimentos médicos e do desenvolvimento de práticas anatômicas, enfrentando limitações sociais, religiosas e educacionais impostas às mulheres em suas respectivas épocas.

As trajetórias apresentadas neste trabalho demonstram que figuras como Agnodice, Trótula de Ruggiero e Alessandra Giliani não apenas desafiaram as restrições de seu tempo, mas também contribuíram de maneira significativa para o avanço da Medicina. Muitas dessas mulheres precisaram buscar caminhos alternativos para estudar, ensinar e exercer práticas médicas, o que evidencia sua determinação diante de uma sociedade predominantemente masculina.

Além disso, torna-se evidente que grande parte dessas contribuições foi silenciada ao longo da história, seja pela ausência de registros, seja pela atribuição de seus feitos a homens. Nesse sentido, resgatar a memória dessas pioneiras representa não apenas uma valorização histórica, mas também uma forma de reconhecer que a construção da ciência sempre contou com a participação feminina.

Dessa forma, compreender a trajetória dessas mulheres possibilita uma visão mais ampla, crítica e humanizada da história da Medicina e da Anatomia. Mais do que revisitar o passado, este estudo reforça a importância da representatividade feminina na ciência e na formação médica contemporânea, inspirando novas gerações a reconhecerem que o conhecimento científico também foi construído pelas mãos de mulheres que, apesar dos obstáculos, deixaram contribuições fundamentais para a humanidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. M. O. *História da Mulher na Medicina – World Anatomy Day*. Sociedade Brasileira de Anatomia – SBA. Disponível em: <http://www.youtube.com/live/XmCmaHJwSMk?si=0j6BVF7xbFLLN9c9>. Acesso em: set. 2023.

BOAVENTURA, E. M. A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afrodescendência [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. O Estado e a educação superior na Bahia, uma perspectiva histórica. p. 109–127. ISBN 978-85-2320-893-6. Disponível em: SciELO Books. Acesso em: set. 2023.

CYTRYNOWICZ, R. *Ciência e Arte: a trajetória de Lilly Ebstein Lowenstein entre Berlim e São Paulo (1910–1960)*. Editora Narrativa Um – Projetos e Pesquisas de História, 2013.

KUTIA, S.; PIKALYUK, V. S.; SHAYMARDANOVA, L. R.; ZUKOW, W. *Famous morphologists who died young*. 2013.

PERROTTA, U.; PERROTTA, M. P. V.; MANSO, J. E. F. O bicentenário da Faculdade de Medicina da UFRJ. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, [periódico na Internet]*, 2008, v. 35, n. 5. Disponível em: <http://www.scielo.br/rebe>. Acesso em: ago. 2023.

TALAMONI, A. C. B. Anatomia, ensino e entretenimento. In: *Os nervos e os ossos do ofício: uma análise etnológica da aula de Anatomia [online]*. São Paulo: Editora UNESP, 2014. p. 23–37. ISBN 978-85-68334-43-0. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: ago. 2023.

VENEZIANI, S. Una fanciulla al tavolo di Mondino de' Liuzzi?. *Rivista per le Medical Humanities*, 2009.

**ANEXO A - ARTIGO PUBLICADO NA REVISTA O ANATOMISTA INTITULADO
“AS ANATOMISTAS: MULHERES NOTÁVEIS NA HISTÓRIA DA MEDICINA E
ANATOMIA DA ANTIGUIDADE À IDADE MÉDIA”**